



O papel do espaço público na construção da cidade compacta sustentável: as estratégias de projeto e os benefícios resultantes para uma sociedade urbana

The role of the public space in the construction of the Compact Sustainable City: Project Strategies and the resulting Benefits for an urban society

El papel del espacio público en la construcción de la ciudad compacta y sostenible: las estrategias de proyecto y los beneficios resultantes para una sociedad urbana

Elza Hessel Tosta

Mestranda, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil.
elzahesseltosta@gmail.com

Rodrigo de Andrade Costa Noletto

Mestre, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil.
rodrigoacnoletto@gmail.com



RESUMO

O conceito de cidade compacta sustentável representa na atualidade um modelo amplamente discutido e aceito como estratégia de planejamento e projeto para as cidades contemporâneas. Aliando diversas estratégias de caráter sustentável (sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais) que posicionam o indivíduo e o bem-estar social no cerne da construção do ambiente urbano. Segundo dados publicados pela ONU - Organização das Nações Unidas (2014) no relatório "Perspectivas Globais de Urbanização", aproximadamente 54% da população mundial - constituída por aproximadamente 7 bilhões de pessoas - vive em área urbana e, até 2050, esse percentual será de 66% da população. O impacto ambiental e social que essas cidades terão no ecossistema global e na sociedade é indiscutível, uma vez que tais mudanças já vêm tornando-se realidade em nosso planeta. O objetivo desta pesquisa é demonstrar alguns dos benefícios sociais, físicos, bem como ambientais que podem vir a ser alcançados ao se valorizar o pedestre e os espaços públicos na construção da cidade compacta sustentável. Para este fim, realiza-se um levantamento bibliográfico e análise de um estudo de caso: as estratégias de Seattle (EUA) para seus espaços públicos. As considerações finais destacam como a criatividade no desenho urbano pode potencializar e auxiliar na construção de uma comunidade urbana sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade compacta, Pedestrianização, Sustentabilidade.

ABSTRACT

The concept of a sustainable compact city represents today a model widely discussed and accepted as a planning and project strategy for contemporary cities. Combining various strategies of a sustainable character (social, economic, political, cultural and environmental) that place individual and social well-being at the heart of the urban environment. According to data published by the UN - United Nations Organization (2014) in the report "The World Urbanization Prospects", approximately 54% of the world population - consisting of approximately 7 billion people - lives in urban areas and, by 2050, this percentage will be 66% of the population. The environmental and social impact these cities will have on the global ecosystem and society is indisputable, since such changes are already becoming a reality on our planet. The objective of this research is to demonstrate some of the social and physical benefits as well as the environmental benefits that can be achieved through the prestige of pedestrians and also of public spaces in the construction of the sustainable compact city. To this end, a bibliographical survey and analysis of a case study: Seattle (USA) Strategies for its public spaces. The final considerations highlight how creativity in urban design can enhance and assist in the construction of a sustainable urban community.

KEY-WORDS: Compact city, Pedestrianization, Sustainability.

RESUMEN

El concepto de ciudad compacta sostenible representa en la actualidad un modelo ampliamente discutido y aceptado como estrategia de planificación y proyecto para las ciudades contemporâneas. Aliando diversas estrategias de carácter sostenible (sociales, económicas, políticas, culturales y ambientales) que posicionan el individuo y el bienestar social en lo que cierge a la construcción del medio ambiente urbano. Según datos publicados por la ONU - Organización de las Naciones Unidas (2014) en el informe 'Perspectivas Globales de la Urbanización', aproximadamente 54% de la población mundial - compuesta por aproximadamente siete mil millones de personas - vive en área urbana y, hasta 2050, este porcentaje será de 66% de la población. El impacto ambiental y social que estas ciudades tendrán en el ecosistema global y en la sociedad es indiscutible, dado que tales cambios ya se está haciendo realidad en nuestro planeta. A través de esta investigación se pretende demostrar algunos de los beneficios sociales, físicos, así como de los beneficios ambientales que pueden venir a ser alcanzados al valorizarse el peatón y los espacios públicos en la construcción de la ciudad compacta sostenible. Para este fin, se efectua una búsqueda bibliográfica y análisis de un estudio de caso: las estrategias de Seattle (EUA) para sus espacios públicos. Las consideraciones finales destacan como la creatividad en el diseño urbano puede potenciar y ayudar en la construcción de una comunidad urbana sostenible.

PALABRAS CLAVE: Ciudad compacta, Peatonalización, Sostenibilidad.



1 INTRODUÇÃO

Para compreender a importância do espaço público no modelo de cidade compacta sustentável, convém contextualizar alguns fatores (sociais, políticos, econômicos e ambientais) responsáveis por impulsionar o desenvolvimento das estratégias e conceitos que definem este modelo de cidade. Somente após compreender os fatores que impulsionaram o surgimento do modelo de cidade compacta sustentável, como uma estratégia a ser seguida, torna-se possível fragmentar seus variados elementos constitutivos, com a finalidade de analisar o papel particular e essencial do espaço público para a concretização de seus objetivos, auxiliando no processo de transição de uma estratégia de planejamento para tornar-se um projeto concreto capaz de promover uma realidade urbana socialmente viável.

Segundo dados publicados pela ONU - Organização das Nações Unidas (2014) no relatório "Perspectivas Globais de Urbanização", aproximadamente 54% da população mundial - constituída por aproximadamente 7 bilhões de pessoas - vive em área urbana e, até 2050, esse percentual será de 66% da população. No Brasil, essa projeção ganha um destaque, pois hoje a população urbana é composta por cerca de 85% da população total - são em torno 172 milhões de pessoas vivendo em cidades - e até 2050 esse percentual passará para 91% de residentes em área urbana (UNITED NATIONS, 2014). Sendo assim, é possível compreender a necessidade imediata de novas estratégias capazes de preparar o espaço urbano para sua crescente ocupação. Pensar a cidade como um organismo sustentável torna-se um dos principais focos do século XXI, como confirma John Wilmoth, diretor da Divisão de População do Departamento de Economia e Questões Sociais das Nações Unidas, responsável pela coordenação do relatório de urbanização, o sucesso ou fracasso na construção de cidades sustentáveis será um fator importante na agenda de desenvolvimento da ONU para 2015 (UNITED NATIONS, 2014).

O impacto ambiental e social em potencial que essas cidades terão no ecossistema global bem como na sociedade é indiscutível, uma vez que tal mudança já vem tornando-se realidade em nosso planeta, como por exemplo o aquecimento global, a crise hídrica, a poluição dos oceanos e rios, a favelização, a falta de emprego, a violência urbana etc.

Ao discutir sustentabilidade, aborda-se a diminuição do impacto da acelerada urbanização sobre os recursos naturais, buscando novas tecnologias capazes de promover um desenvolvimento mais sustentável e ambientalmente consciente conforme apresentado pelo Relatório Brundtland *Our Common Future* (1991). Sabe-se que, segundo defende Brundtland (1991), é indispensável o surgimento de uma política econômica global que demonstre capacidade em atender as demandas do presente sem comprometer as gerações futuras. Essa definição é o cerne do conceito de desenvolvimento sustentável¹, e esse entendimento foi

¹ O desenvolvimento sustentável é visto através do Relatório Brundtland como uma estratégia para promover um futuro sustentável através do trabalho conjunto entre economia, gestão e ecologia. Compreendendo que independente das particularidades de cada nação, a única forma de tentar assegurar um futuro é se todos trabalharem juntos para a construção de uma realidade social-urbana equilibrada, levando em conta que o



responsável por promover diversas diretrizes, conferências e inclusive documentos sobre os novos objetivos da sociedade urbana para o século XXI, como as várias Conferências da ONU sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, a Agenda 21, as diversas Legislações e Órgãos Ambientais desenvolvidos pelos países etc.

Buscar a sustentabilidade urbana significa a preservação e restauração do ambiente natural ao mesmo tempo que se constrói ou regenera o ambiente urbano, fortalecendo as relações sociais, o sentimento de pertencimento e responsabilidade da população com a cidade e o macro contexto na qual esta se insere. Ao reconhecer a interdependência entre o ambiente natural e o construído, garante-se a conservação da vida urbana de forma saudável, consciente e duradoura. A noção de sustentabilidade, conforme define Acselrad (2009), pode e quase certamente será, apresentada para a sociedade como sendo benéfica e desejável, devendo ser aceita por todos os setores urbanos. Entretanto, esta, submete-se assim como tudo na cidade, à lógica e às dinâmicas do mercado sendo necessário avaliar criteriosamente as práticas que tomam para si o rótulo de sustentáveis. Somente através da análise e comparação temporal dos atributos ditos sustentáveis, dos efeitos sociais buscados e sua consequente aplicação prática será possível apontar quais práticas são verdadeiramente portadoras de sustentabilidade e deste modo, discriminar as práticas eficientes das ineficientes através de um argumento sólido que desconsidera os elementos meramente publicitários atribuídos ao termo sustentável.

A intensa urbanização ao longo das últimas décadas chama a atenção para a nova realidade que se materializa nas cidades, problemas como falta de emprego, déficit habitacional, violência e consequente degradação dos recursos ambientais e do espaço construído tornam-se mais evidentes, exigindo uma reflexão sobre como tornar essas cidades, que agora são o lar da maioria da população, locais mais receptivos, sustentáveis, humanizados, onde prevaleça a urbanidade e a qualidade de vida.

Em uma sociedade urbana marcada por disparidades sociais evidentes no desenho urbano das cidades, como é o caso do Brasil (figura 01), a intensa urbanização será responsável não somente por agravar os danos ambientais como também os conflitos sociais presentes nas cidades, conflitos estes que acontecem tanto entre população e o poder público como entre as diferentes esferas da sociedade. Neste contexto, caberá aos atores e gestores responsáveis pela construção do ambiente urbano, formular novas estratégias que busquem promover a interação entre os diversos setores, buscando construir uma cidade sustentável não somente ambientalmente como também socialmente.

"crescimento e desenvolvimento econômicos produzem mudanças substanciais no ecossistema físico" assim como na estrutura social de uma sociedade e que tais impactos devem ser controlados (BRUNDTLAND, 1991, p:48).

FIGURA 01: Imagem exposta no Tate Modern em Londres na exposição "Cidades Globais" e que demonstra de forma clara a desigualdade social presente em regiões da cidade de São Paulo.



FONTE: Fotógrafo Tuca Vieira < <http://www.tucavieira.com.br/A-foto-da-favela-de-Paraisopolis> >.

Rogers (2012) defende que, sociedades e cidades que tem por caracterização um ambiente pautado no individualismo, com a presença de intensos conflitos e desigualdades sociais, são responsáveis por provocar danos ao meio ambiente. Fenômenos como a dispersão urbana, a monofuncionalidade do solo urbano e a subutilização do potencial social dos espaços públicos e privados (sejam eles praças, ruas, edifícios, bairros etc.) não estão somente opondo-se ao conceito de desenvolvimento sustentável buscado para o século XXI, como também promovem a invasão das áreas verdes, favorecem a poluição, pois aumentam o deslocamento tanto de pessoas quanto de mercadorias, contribuem para o individualismo em detrimento do coletivo, dificultando a construção de um forte senso de comunidade urbana e , conseqüentemente dificultando a construção de uma cidade sustentável que seja capaz de atender às demandas sociais, ambientais, políticas, culturais e econômicas da sociedade urbana mundial.

Busca-se através desta pesquisa demonstrar alguns dos benefícios sociais, físicos, bem como ambientais que podem vir a ser alcançados ao se valorizar o pedestre e os espaços públicos na construção da cidade compacta sustentável e destacar, dentre as várias características que constituem este modelo de cidade, a importância das ações voltadas para o desenho destes espaços públicos, gerando uma melhoria do espaço urbano.

Para este fim, realizou-se um levantamento bibliográfico composto por autores nacionais e internacionais que abordam temáticas urbanas relevantes para a elaboração deste trabalho e um estudo de caso das estratégias de Seattle (EUA) para seus espaços públicos.

A escolha da Seattle (EUA) para representar o Estudo de Caso acontece principalmente por dois motivos. O primeiro critério de escolha foi devido ao fato de a cidade ter recebido no ano de 2014 o selo de certificação 5-STAR atribuído pela STAR (Sustainability Tools for Assessing & Rating) Communities, categorizando a cidade como uma das duas únicas em toda a América do Norte a ter atingido esse nível de certificação, que considera diversos critérios responsáveis por



promover a urbanidade e o desenvolvimento de uma comunidade social e ambientalmente sustentável. Dentre os critérios de análise estão as seguintes categorias: Ambiente Construído; Clima e Energia; Economia e Trabalho; Educação; Artes e Comunidade; Equidade e Capacitação; Saúde e Segurança; Sistemas Naturais (SEATTLE MAYORS OFFICE, 2014)². O segundo critério que define a escolha de Seattle para a finalidade desta pesquisa se deu pelo fácil acesso aos projetos e diagnósticos referentes às estratégias de planejamento para a cidade e ao desenho urbano de seus espaços públicos em determinadas regiões, encomendados pela Prefeitura de Seattle e elaborados pelo escritório Gehl Architects.

2 O MODELO DE CIDADE COMPACTA SUSTENTÁVEL

Durante algum tempo, as discussões referentes à rápida expansão urbana e suas consequências para o planeta dividiam-se em dois campos distintos, o primeiro discutindo os efeitos da poluição e os danos ambientais gerados e o segundo referindo-se às questões sociais resultantes desse crescimento acelerado.

A questão da insustentabilidade social urbana e a crise dos espaços públicos nas metrópoles ganha destaque ainda na década de 1960, quando a pesquisa publicada por Jacobs (2009) torna-se mundialmente reconhecida como uma das principais responsáveis por promover um viés social para a sustentabilidade, demonstrando que juntamente com as discussões relativas ao meio ambiente, era preciso também discutir a insustentabilidade social resultante do modo como as cidades vinham sendo planejadas. Jacobs (2009) defende a necessidade iminente de uma revisão nos conceitos de planejamento e reurbanização praticados naquele momento através da análise de uma cidade americana, entretanto, tal análise se adequa perfeitamente à realidade urbana de muitas grandes cidades ao redor do planeta, inclusive as brasileiras. Para Jacobs (2009) as estratégias do urbanismo moderno categorizavam-se como ortodoxas e deficientes, conforme afirma a autora, as tentativas deste de restaurar a vitalidade das cidades estavam na verdade prejudicando o funcionamento das mesmas e reduzindo a urbanidade do espaço urbano.

O planejamento urbano, neste período, focava-se em princípios por demasiado funcionalistas, valorizando a aparência estética das cidades e as necessidades dos automóveis, enquanto ignorava que a cidade possui uma dinâmica social particular e complexa. O resultado disso tornava-se visível através do espaço urbano, fosse nas ruas vazias da cidade, em seus bairros impessoais, na crescente deterioração do senso de uma comunidade urbana ou no aumento do sentimento de insegurança que predominava nos espaços públicos. Conforme aponta Jacobs (2009,p.29), o potencial do espaço público, como palco e ferramenta condicionante da

² O Selo 5-STAR é atribuído pela STAR COMMUNITIES e engloba avaliações de desempenho econômico, ambiental e social tanto para os governos locais como regionais. O sistema de classificação inclui 7 áreas principais e 44 objetivos referentes à sustentabilidade, com um total de 526 diferentes indicadores mensuráveis.



sustentabilidade social urbana, vinha sendo desprezado e este encontrava-se subutilizado uma vez que:

A calçada por si só não é nada. É uma abstração. Ela só significa alguma coisa junto com os edifícios e os outros usos limítrofes a ela ou a calçadas próximas. Pode-se dizer o mesmo das ruas, no sentido de servirem a outros fins, além de suportar o trânsito sobre rodas em seu leito. As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. (JACOBS, 2009, p.29)

Dando continuidade a reflexão iniciada por Jacobs (2009) na década de 1960, Lefebvre (1968) idealiza a cidade como um local vibrante, pulsante, palco da liberdade e da criatividade humana, onde as pessoas podem buscar ao mesmo tempo a diversão ou alguma forma de autorrealização, afirmando que o "direito a cidade" não é somente uma proposta de reformas pontuais mas uma busca pela completa transformação das relações sociais na cidade e sociedade como um todo. Para o autor, as ruas são as principais responsáveis por encorajar essa existência. Entretanto, quando se ignora o profundo significado social da cidade, de seus espaços públicos e da diversidade que ali existe, esta acaba tornando-se tão monótona e desinteressante quanto estes espaços, e isso acabará por ser refletir-se também na própria sociedade, agravando ainda questões sociais que possam estar presentes no espaço urbano. Foi principalmente após a publicação do Relatório Brundtland que se tornou claro como de fato tais questões encontram-se atreladas e são, portanto, indissociáveis.

Os planejadores e gestores em sua maioria parecem atribuir ao espaço público uma prioridade mínima, uma vez que este torna-se cada vez mais impessoal, limitado e carente de um projeto urbano adequado. Logo, o pedestrianismo como forma de deslocamento é drasticamente reduzido mais e mais a cada dia. A partir da redução da ocupação e do espaço do pedestre, as funções sociais e culturais do espaço urbano são diretamente afetadas, perde-se gradativamente uma das mais importantes contribuições do espaço público para a cidade, que é o seu potencial de representar o "fórum social de uma sociedade", funcionando como "local de encontro da diversidade urbana" que habita a cidade (GEHL, 2013, p.25).

Gehl (2013) afirma que durante décadas a importância da dimensão humana para o planejamento urbano foi sendo drasticamente reduzida, enquanto o espaço do automóvel cresceu vertiginosamente. Somente recentemente, após longos anos de debates sobre a sustentabilidade e o impacto ambiental e social da rápida urbanização, que as cidades mais uma vez reconheceram a importância do pedestre, direcionando o foco para as necessidades das pessoas que de fato utilizam o espaço público.

Essas reflexões acabaram incentivando novos conceitos que surgiam no âmbito do planejamento urbano, ao mesmo tempo em que tentavam promover um ideal ecológico, e também destacavam a importância da associação entre sustentabilidade ambiental e sustentabilidade social quando buscavam o rompimento com o modelo de desenvolvimento monofuncional e da constante valorização do automóvel como principal ator urbano (ROGERS 2012). Desenvolvendo "o conceito de cidade sustentável através de uma releitura do modelo



de cidade-densa" aliada a estratégias de mobilidade, uso do solo e de uma nova ecologia urbana com o objetivo de fortalecer o senso de comunidade no espaço urbano, fortalecer as relações sociais, promover benefícios ecológicos e posicionar o pedestre como ator principal da vida urbana tendo a rua e os espaços tanto públicos quanto privados como palco do convívio, cidadania e valorização das relações sejam elas sociais ou ambientais (ROGERS, 2012, p.32).

Planejar uma cidade autossustentável exige uma ampla compreensão das relações entre cidadãos, serviços, políticas de transporte e geração de energia, bem como seu impacto total no meio ambiente local e numa esfera geográfica mais ampla. Se quisermos efetivamente criar essa noção de desenvolvimento sustentável, então todos esses fatores devem estar entrelaçados. Não haverá cidade sustentável, do ponto de vista ambiental, até que a ecologia urbana, a economia e a sociologia sejam fatores presentes no planejamento urbano. (ROGERS, 2012, p.32)

O modelo da cidade compacta sustentável representa através de suas estratégias esse novo ideal social-ecológico tão defendido pelo desenvolvimento sustentável e suas ramificações, uma vez que esta, conforme aponta Rogers (2012) desenvolve-se tomando partido dos corredores tanto de transporte quanto comerciais, fortalecendo em pontos estratégicos o ideal de uma comunidade urbana, apostando na conectividade através de uma rede urbana, seja ela de parques, espaços públicos, transportes, comércio, habitação e uma variedade de atividades públicas e privadas sobrepostas. Estas estratégias devolvem para a cidade seu aspecto multifuncional e sua diversidade ao mesmo tempo em que reconhece a mesma como "uma matriz complexa e mutável de atividades humanas e efeitos ambientais" (ROGERS, 2012, p.32). As cidades compactas sustentáveis são, portanto, densas, sustentáveis, multifuncionais e heterogêneas. A ideia principal por trás do modelo é combater o acelerado crescimento urbano horizontal de forma a evitar os efeitos negativos originados com a urbanização das áreas rurais, a crescente impermeabilização do solo, dos gastos com infraestrutura e da sobrecarga do sistema viário. Outros objetivos importantes considerados pelo modelo consistem em promover melhorias sociais no ambiente urbano, valorizando o potencial de convívio, bem como as relações sociais através dos espaços públicos e buscando estimular uma consciência socioambiental a partir do fortalecimento da comunidade urbana.

Dentre as vantagens apontadas por Farr (2013), Rogers (2012) e Gehl (2013) obtidas através do modelo da Cidade Compacta Sustentável podemos citar:

- A otimização da infraestrutura instalada. Levando em conta a concentração de pessoas não apenas em determinada parte do dia, diminuindo assim o custo relativo de sua implantação e reduzindo a necessidade de expansão para áreas periféricas minimizando os impactos ambientais resultantes;
- Redução dos deslocamentos diários através do uso misto do solo. Considerando que a concentração de pessoas favorece também as atividades econômicas como comércio e



- serviços a nível local. Trata-se de morar, estudar, trabalhar e ter lazer nas proximidades do bairro evitando longas horas perdidas nos deslocamentos;
- Valorização do transporte coletivo. Considerando que ao reduzir o uso do automóvel particular também é reduzido a emissão de gases que contribuem para o efeito estufa, bem como os congestionamentos. Os benefícios não são apenas locais, mas também globais pois o dióxido de carbono e outros gases que contribuem para as mudanças climáticas produzidos por atividades humanas não respeitam fronteira geográfica como dito por FARR (2013). Nas cidades compactas sustentáveis os maiores deslocamentos se dariam sem obrigatoriedade e de forma esporádica;
 - Maior qualidade de vida, maior produtividade e diminuição de problemas relacionados a desgastes físicos e emocionais visto que não mais haverá longas horas perdidas no trânsito, convertendo esse tempo em atividades benéficas;
 - Encorajamento ao pedestrianismo criando áreas apropriadas para o caminhar, com iluminação própria para o pedestre e não para o leito carroçável. Aliando esta estratégia à implantação de um eficiente sistema de transporte coletivo de alta capacidade para suprir os grandes deslocamentos e na maior parte do tempo estimular o predomínio de deslocamentos a pé e por bicicletas e os benefícios sociais provenientes da utilização do espaço público.

Para o sucesso das cidades compactas e sustentáveis é essencial incorporar áreas públicas que promovam a interação social, bem como espaços coletivos que fortaleçam esse senso de comunidade. Dessa forma, combate-se em parte a segregação social que origina guetos com zonas contendo um único grupo social, ou uma única ocupação, ou seja, a monofuncionalidade do espaço urbano.

A interação social se dará principalmente através dos espaços públicos, áreas livres e serviços comuns para a população, como educação, cultura e comércio. Como afirmado por Rogers (2012) os núcleos compactos têm o importante papel de restabelecer dentro da cidade uma sociedade baseada na comunidade. Em uma comunidade urbana, os habitantes convivem entre si, encontros acontecem, trocas de experiências e o crescimento das relações interpessoais entre os habitantes é estimulado.

3 O PLANO PARA REGENERAÇÃO DO CENTRO DE SEATTLE (EUA)

Seattle faz parte do Estado de Washington, é uma cidade portuária e está integrada ao estuário de Puget (Puget Sound), extenso e estreito braço do Oceano Pacífico, é a décima-quinta cidade em números populacionais do país (todas estimativas presentes no censo norte-americano 2010), sendo uma das cidades que mais cresce nos Estados Unidos.

Nas últimas duas décadas com o aumento da oferta de empregos na área metropolitana de Seattle e o aumento da população, o planejamento urbano torna-se essencial para sustentar seu crescimento como cidade global atrativa de investimentos. Seattle em meados dos anos de 1980 adotava medidas inovadoras para o desenvolvimento urbano e a partir de 1990 a experiência acumulada foi intensamente praticada com medidas requeridas por lei que instituiu a obrigatoriedade de delimitação do perímetro urbano como proteção de áreas ambientais, a execução de Planos Diretores em todas as esferas administrativas e a participação popular, dentre outras iniciativas que se unem para formar um desenvolvimento urbano sustentável.

Com a implantação do Plano Diretor “Toward a Sustainable Seattle”, 1994 – 2014, houve a incorporação de elementos fundamentais para a sustentabilidade e a participação pública. Neste contexto o espaço público tem um papel fundamental para o desenvolvimento urbano e social, os aspectos humanos, culturais e sociais devem ser cuidadosamente considerados para haver desenvolvimentos sustentáveis para o futuro. Em outras palavras, o processo de planejamento precisa ter uma abordagem holística.

O governo local de Seattle vendo a necessidade de encontrar maneiras para tornar as ruas mais atrativas para os ciclistas e pedestres bem como criar espaços públicos agradáveis ao usuário realizou parceria com o Instituto Internacional de Sustentabilidade da Universidade de Washington que junto ao escritório Gehl Architects realizaram um estudo com diagnósticos, análises e recomendações para a área central de Seattle.

A área de Estudo foi definida a partir da King Street para o Sul, Bell, Lenora e Steart Streets para o Norte, I5 Freeway e 4th Avenue (sul de Yesler Way) para leste e o Waterfront Cost para oeste. Três áreas de foco específico foram selecionadas: King Street Station, 1st Avenue, e inteseccção da Mercer Street e Aurora Avenue.

A área de estudo compreende aproximadamente 398 acres/1.610.000m² e o contorno foi determinado em coordenação com a administração pública.

Das análises realizadas no plano destacamos alguns pontos:

- Topografia: O centro de Seattle possui um sistema de grade clássica americana de ruas e quarteirões, com uma topografia desafiadora. As ruas íngremes permitem vistas para o mar e montanhas, ao mesmo tempo que dificultam o deslocamento dos pedestres e ciclistas.

FIGURA 02: Planta topográfica da área de Estudo - Plano para Área Central de Seattle – Espaços Públicos e Vida Pública, 2009.



FONTE: Ghel Arquitetos – Plano para Centro da Cidade de Seattle – Espaços Públicos e Vida Pública, 2009. Pg.20.

A proposta do escritório do arquiteto Jan Ghel para topografia íngreme da cidade é introduzir elementos de rua que convidam as pessoas a sentar-se de forma a pausar, esperar, apreciar a vista. Os elementos devem ser fabricados localmente e produzidos com materiais que se relacionam com Seattle. Deve ser inserido também vegetações típicas da cidade.

FIGURA 03: Situação existente da topografia da cidade



FIGURA 04: Situação proposta com Plano para Área Central de Seattle



FONTE: Ghel Arquitetos – Plano para Centro da Cidade de Seattle – Espaços Públicos e Vida Pública, 2009. Pg.21 e 140.

- Espaços à beira mar: De acordo com Gehl (2009) as montanhas e o mar são grandes elementos de identidade, e mesmo no centro da cidade, é possível ter visão do cenário natural. Porém, isso não é explorado em seu potencial máximo. A cidade e a orla possuem poucas conexões em termos de pedestres e as vistas são prejudicadas por viadutos e avenidas.

FIGURAS 05/06: Situação existente das vias de tráfego que criam obstáculos ao acesso dos espaços à beira mar no centro da cidade de Seattle.



FONTE: Ghel Arquitetos – Plano para Centro da Cidade de Seattle – Espaços Públicos e Vida Pública, 2009. Pg.29

Desde a construção do viaduto Alaskan Way (1953), as adjacências abaixo de sua estrutura vêm sofrendo um profundo processo de decadência, e uma intervenção deve ser apresentada para que a recomendação feita por Jan Gehl de uso público da orla seja concretizada.

FIGURA 07: Situação proposta para orla marítima da cidade de Seattle. Plano para Área Central de Seattle – Espaços Públicos e Vida Pública, 2009.

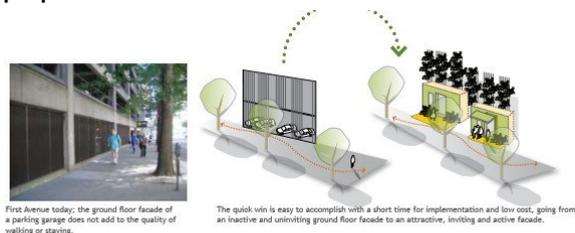


FONTE: Ghel Arquitetos – Plano para Centro da Cidade de Seattle – Espaços Públicos e Vida Pública, 2009. Pg.93.

A proposta do Plano é de que seja criada uma via pública ao longo da orla. Criar espaços confortáveis com fachadas atrativas, uma variedade de tamanhos e tipos de espaços públicos que acomodem diversas funções

- Fachadas Atrativas: A maneira que nós percebemos os locais está ligada aos nossos sentidos. 75% de todas as impressões sensoriais são percebidos através da visão. É por isso que o pedestre prefere caminhar ao longo de ruas com fachadas atrativas, isso mantém o cérebro estimulado. Uma estratégia geral é garantir fachadas convidativas em todas as vias no centro da cidade.

FIGURA 08: Exemplo para reconversão de uma fachada de estacionamento em fachada atrativa e ativa.



FONTE: Ghel Arquitetos – Plano para Centro da Cidade de Seattle – Espaços Públicos e Vida Pública, 2009. Pg.139.

- Espaço Público, King Street Station: Tornar o transporte público convidativo e de fácil utilização. Por exemplo, na King Street Station, há dificuldades para que o pedestre encontre a entrada da estação. Se o objetivo é o de que as pessoas considerem o transporte público como uma alternativa viável ao automóvel, então esses espaços devem ser melhorados.

FIGURA 09: Fotos King Street Station - Plano para Área Central de Seattle – Espaços Públicos e Vida Pública, 2009.



Currently, there is no entrance to King Street Station

FONTE: Ghel Arquitetos – Plano para Centro da Cidade de Seattle – Espaços Públicos e Vida Pública, 2009. Pg.33.

FIGURA 10: King Station, exemplo para reconversão. Plano para Área Central de Seattle – Espaços Públicos e Vida Pública, 2009.



FONTE: Ghel Arquitetos – Plano para Centro da Cidade de Seattle – Espaços Públicos e Vida Pública, 2009. Pg.128.

- Espaços reabilitados: Uma estratégia geral é garantir mais espaços de permanência no centro da cidade. Foram identificados locais com potencial para serem reabilitados tornando-se espaços públicos convidativos, retirando carros ou fechando algumas ruas. A recomendação é trabalhar com os proprietários e empresas locais para desenvolvimento de projetos do espaço com baixo custo.

FIGURA 11: Espaço com potencial para reconversão, uso antes da reconversão em área de estacionamento.



FONTE: Ghel Arquitetos – Plano para Centro da Cidade de Seattle – Espaços Públicos e Vida Pública, 2009. Pg.141.

- Potencializar o uso de espaços residuais: representam um espaço inexplorado e pode tornar-se parte da vida ativa da cidade.

FIGURA 14 – Espaços residuais reabilitados para a vida da cidade.



FONTE: Ghel Arquitetos – Plano para Centro da Cidade de Seattle – Espaços Públicos e Vida Pública, 2009. Pg.134.

O Plano desenvolvido para a cidade de Seattle apresentado em 2009, possui os acompanhamentos previstos e revisões para 2018 e 2028. Os esforços que se destacaram nas iniciativas de sustentabilidade da cidade de Seattle são:



- Compromisso com a neutralidade de carbono;
- Programas de Eficiência Energética;
- Parceria de Seattle Green (GSP), uma parceria público-privada única trabalhando para restaurar e manter parques florestais de Seattle;
- Mobilidade Urbana.

Foi destacado pelo STAR Community Rating System que Seattle está entre as cinco cidades dos Estados Unidos onde menos da metade dos passageiros estão dirigindo sozinho para o trabalho. Desde 2011, Seattle tem visto um aumento de 59% no ciclismo e um aumento de 27% no tráfego de pedestres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja para o deslocamento, para o lazer ou para o trabalho, os espaços públicos assumem um protagonismo dentro do modelo de cidade compacta sustentável e através do desenho urbano destes espaços é possível promover melhorias sociais, ambientais, econômicas e culturais no meio urbano. A criatividade no desenho urbano dos espaços públicos pode não somente potencializar os prováveis benefícios, como também auxiliar na construção de uma comunidade urbana de fato sustentável, seja pelos aspectos ambientais ou sociais. Portanto, ao se utilizar os conceitos do modelo de cidade compacta sustentável, é necessária uma atenção especial e particular para estes espaços a fim de garantir que o objetivo geral proposto seja alcançado, tamanha é sua importância para o conjunto urbano e para a sociedade.

Vemos que para a execução do plano realizado pelo escritório de Jan Ghel, é imprescindível o apoio das administrações públicas e envolvimento da sociedade, pois envolvem custos, mudança de cultura, alteração de comércios locais, alteração de tráfego etc.

Entendemos que o aspecto mais desafiador do Plano apresentado é a remodelação da orla marítima voltada para o estuário. Há muitas vias de tráfego intenso que impossibilitam em muitos trechos o acesso para pedestres, sendo o viaduto Alaskan Way um exemplo. Esse aspecto é de difícil solução visto que é fundamental para interconexão regional no sentido norte-sul.

As intervenções para remodelar os tráfegos nas áreas à beira mar devem ser objetos de estudo no futuro para que o centro da cidade de Seattle continue a ser sustentável promovendo espaços públicos de qualidade.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri (org). **A duração das cidades. Sustentabilidade e risco nas políticas públicas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.



BRUNDTLAND, Gro Harlem. **Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Nosso Futuro Comum.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

LEITE, Carlos. **Cidades Sustentáveis, Cidades Inteligentes.** 1ª ed. Porto Alegre : Bookman 2012.

FARR, D. **Urbanismo Sustentável. Desenho urbano com a natureza.** Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas.** Traduzido por: Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GEHL, Jan. **Downtown Seattle. Public spaces, public life.** Seattle: International Sustainability Institute, 2009.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura.** Tradução Carlos Eduardo Lima Machado. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades.** Tradução Carlos S. Mendes Rocha. São Paulo, 2009.

MEADOWS, Donella H. et al. **The limits to growth.** New York, v. 102, 1972.

RATTNER, H. Prefácio. In: ACSELRAD, H. (org). **A duração das cidades. Sustentabilidade e risco nas políticas públicas.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ROGERS, Richard. **Cidades para um pequeno planeta.** Traduzido por Anita Regina. Barcelona, Editorial Gistavo Gili, 2012.

SEATTLE MAYORS OFFICE, City of. Seattle recognized as the nation's most sustainable city. Disponível em: <<http://murray.seattle.gov/seattle-recognized-as-the-nations-most-sustainable-city/#sthash.XJE5rBCv.wONfDgfg.dpuf>> Acesso em: 20 out 2015.

UNITED NATIONS. The World Urbanization Prospects, the 2014 revision. New York: UN, 2014.

WHEELER, Stephen. Planning for sustainability. New York: Routledge, 2009.